

# O APLICATIVO WORDWALL COMO RECURSO METODOLÓGICO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

**Autor:** Suzana Ramos Vieira Francini

E-mail: su\_vieiraped@yahoo.com.br

**Resumo** - Este artigo vai transcorrer a trajetória de uma pesquisa-ação que foi desenvolvida e elaborada a fim de auxiliar o processo de alfabetização ministrada nas séries iniciais com o uso de metodologias de jogos educativos, desenhos e textos espontâneos voltados para a alfabetização.

O trabalho desenvolveu-se por meio de observações, registros, uso do Wordwall e intervenções pedagógicas. O local do trabalho foi na sala de aula do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal situada na zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Os resultados alcançados foram fundamentais no desenvolvimento social, e cognitivo do aluno incluído, este conseguiu atingir a alfabetização, com produções de frases e desenhos. O trabalho visa trazer um conjunto de bibliografias relacionadas aos jogos digitais totalmente voltados para o processo de alfabetização lúdica através de planejamento e desenvolvimento de uma sequência didática baseada em rimas que foram retiradas de um dos poemas do compositor Vinicius de Moraes e finalizado com um resultado em forma de produto que foi desenvolvido com as ferramentas do Wordwall.

Palavras-chave: Inclusão escolar, aprendizagem, alfabetização, aluno com autismo.

## Introdução

Ao longo da pandemia percebemos a grande importância que os recursos tecnológicos tiveram e ainda têm dentro da sala de aula dos espaços formais e informais. Sendo assim é extremamente necessário que as redes educacionais e os docentes estejam frequentemente dispostos em receber as inovações digitais que podem ser usufruídas como ferramentas metodológicas da sala de aula.

Atualmente muitas crianças já nascem submersas na nova era digital fazendo o uso das variadas tecnologias. Em função disso, este artigo tem como objetivo geral buscar soluções e contribuições para o processo e desenvolvimento de aquisição do que se trata o campo da consciência fonológica voltada para alunos de séries iniciais matriculadas no Ensino Fundamental.

É importante lembrar que quando se trata de ensino inclusivo, inserir os alunos com limitações ou necessidades especiais dentro da sala de ensino regular, não é o bastante. Haja vista que se faz necessário todos os dias buscarmos grandes inovações do campo lúdico para poder suprir às necessidades especiais ou específicas dos alunos (incluídos ou não). Devemos considerar que os docentes muitas vezes só conseguem aprender a metodologia na prática e nem sempre eles estão preparados para este ofício. Este artigo, além de trazer as experiências vivenciadas, também se propõe em trazer reflexões acerca da importância do processo de alfabetização dentro da Educação Inclusiva de um aluno com autismo e trazer questões de investigações relacionadas às

metodologias inovadoras atuando no campo da alfabetização como metodologia de suporte no campo da alfabetização. E não apenas por meio do aplicativo Wordwall, mas também por meio de outros recursos metodológicos.

O processo de aprendizagem dentro da Educação Inclusiva é sempre diferenciado e específico. A educação inclusiva visa acolher todas as pessoas sem exceção, sejam estudantes com deficiência física, indivíduos com comprometimento mental, ou com baixa visão e dentre outros. A inclusão é estar e interagir com o outro possibilitando que aqueles que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor, ocupem seu espaço como ser integrante da sociedade.

Quanto à inclusão escolar atualmente no Brasil, se faz necessário proporcionar adaptações físicas, oferecer atendimento educacional especializado paralelamente às aulas regulares de preferência no mesmo ambiente dos demais estudantes e respeitar sempre a lei de acessibilidade.

*“ Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos. A acessibilidade deve ser assegurada mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas, na edificação –incluindo instalações, equipamentos e mobiliários – e nos transportes escolares, bem como as barreiras nas comunicações e informações.” (MEC 2008 ).*

Uma das problemáticas encontradas são metodologias voltadas para a educação inclusiva com aplicação de exercícios mais simples, padronizados e sem atender as necessidades específicas do aluno incluído.

Considerando tal desafio, este artigo visou trabalhar o desenvolvimento e acompanhamento da alfabetização de um aluno com autismo, matriculado em uma escola regular no município do RJ, a partir de adaptações curriculares.

Muitas pessoas por desconhecerem as potencialidades dos indivíduos com autismo, generalizam definindo que autistas têm o seu próprio mundo. Essa postura as vezes causam dificuldades nas práticas de socialização por deixá-los à margem das relações interpessoais. E na escola, essas atitudes comprometem ainda mais o desenvolvimento educacional, quando aceitamos esse paradigma nos omitindo em relação ao seu ensino aprendizagem.

Pensar em um aluno com autismo é pensar em um sujeito capaz de aprender e se comunicar sim, quando recebe auxílio para romper com as barreiras educacionais. Entretanto,

muitas vezes o fracasso escolar é justificado pela existência da síndrome e não pelas falhas da escola e/ou professor.

Os obstáculos à aprendizagem não são exclusivos dos alunos com deficiências visuais, auditivas ou autismo. As dificuldades para a aprendizagem fazem parte do cotidiano escolar de quase todos os alunos, sejam eles deficientes, com altas habilidades ou os ditos normais.

### **Fundamentação teórica**

Ao longo deste trabalho, após algumas leituras e análises, tomei conhecimento de diferentes definições de autismo. Porém, quando me deparei na prática com o sujeito trabalhado, observei que algumas características observadas não confirmavam a teoria, como a falta de socialização ou o comprometimento da fala, por exemplo. Segundo Kanner (1943), o autismo é considerado como um transtorno invasivo do desenvolvimento o qual se caracteriza pela presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação trazendo um repertório muito restrito de atividades e interesses.

O autismo até há algumas décadas era entendido como um problema de natureza essencialmente psicodinâmica, oriundo de relações afetivas mal estabelecidas pelo bebê no seu primeiro ano de vida. Estudos recentes têm enfatizado a existência de disfunções orgânicas no sistema fisiológico desses indivíduos.

Segundo Kanner (1978), o autismo era causado por pais altamente intelectualizados, pessoas emocionalmente frias e com pouco interesse nas relações humanas da criança.

Segundo *Autism Society of American – 1978*, *Kanner - 1943* e *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-IV-TR*, o autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos. É comum pais relatarem que a criança passou por um período de normalidade anteriormente à manifestação dos sintomas.

Considerando essas definições apontadas por Kanner, ASA e DSM-IV-TR, muito me surpreendeu conhecer um aluno diagnosticado por diversos especialistas (psiquiatria, pediatria, fonoaudiologia e neurologia) como autista, mas que apresentava bom desenvolvimento nos aspectos cognitivos e nas suas relações interpessoais. O aluno em questão, apesar de em algumas ocasiões não respeitar o espaço do outro e exibir atos de agressão física, tinha um bom relacionamento com as demais crianças da turma, contrastando com as conclusões de Kanner. Com efeito, o aluno tentava promover relações interpessoais com todos, apesar de algumas ter dificuldades em elaborar um diálogo de forma coerente.

## **O sujeito**

Ao traçar o perfil do aluno em questão, tive como objetivo principal a sua alfabetização, porém percebi que esta seria uma difícil tarefa com tantos comportamentos inadequados apresentados pelo aluno (gritos, choros, agressividade falta de respeito com os colegas da classe e falta de higiene).

Pude compreender que muitos destes eram por conta do autismo, enquanto outros significavam apenas falta de limites. Com isso, antes de desenvolver alguma atividade destinada a alfabetização, tentei promover algo para controlar esses comportamentos a fim de facilitar no processo de ensino-aprendizagem da alfabetização, sendo o objetivo principal deste trabalho.

O sujeito, Mário (nome fictício), é uma criança com autismo de 7 anos de idade, regularmente matriculado em uma escola municipal, localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Ele é filho único, mora com sua mãe e seus avós, na mesma casa. Sua família é de classe média. Seus avós são aposentados e sua mãe é assistente em administração da Petrobrás.

Coletei algumas informações junto a mãe com o objetivo de conhecê-lo de forma mais íntima e assim iniciar o trabalho de alfabetização. A mãe relatou que tentou fazer de tudo para educá-lo como uma criança normal apesar das suas limitações.

Perguntei sobre o autismo, como foi essa descoberta, ela respondeu que no início desconfiava que algo estava irregular. E por volta dos dois anos e meio, ficou mais nítido que algo estava errado em relação ao desenvolvimento de Mário, pois ele começou a manifestar comportamentos inadequados, como choros incessantes, aparentemente sem causa, sua fala não era desenvolvida e usava sinais para fazer solicitações.

Durante o trabalho pude perceber que o aluno em questão, assim como *Leo Kanner* relata, se comportava, às vezes, como se as outras pessoas não existissem, mantendo olhares de forma distantes e dificilmente reagia quando alguém o solicitava, parecendo estar muito concentrado em algo aparentemente inexistente.

## **Metodologia**

As ferramentas principais que foram utilizadas aqui neste trabalho foram os jogos educativos digitais, uso de músicas, e desenhos com escrita espontânea. Os mesmos podem ser considerados como estratégias metodológicas sugeridas de suporte ao trabalho do docente com o objetivo de motivar o envolvimento dos alunos a fim de trazer melhorias ao nível da qualidade dentro do processo de alfabetização, podendo ser utilizado até no ensino remoto.

Wordwall é considerado uma ferramenta metodológica de aprendizagem na estrutura de game. Sua tradução em na Língua Portuguesa significa “parede de palavras”. trata-se de uma estrutura de criação de exercícios voltados para a alfabetização lúdica bem personalizada e que podem também ser acessados por meio do celular, tablet, notebook/computador.

Figura 1: Imagem do aplicativo Wordwall



Fonte: [wordwall.net](http://wordwall.net)

Para ter acesso ao Wordwall, dentro da plataforma existe uma aba intitulada de “comunidade”, sendo o lugar específico para a criação que permite o compartilhamento de maneira pública dos jogos, onde qualquer pessoa pode acessar utilizando edições e posteriormente também ser encaminhadas por e-mail, link ou *QR-code*. Os jogos também podem ser postados em redes sociais, plataformas educacionais de maneira on-line ou não.

Esta plataforma traz grandes inovações por se tratar de um jogo bem simples, dinâmico e não necessita de muitos conhecimentos relacionados a técnicas de informática ou de programação. Basta acessar e começar a jogar.

Os jogos têm vários modelos previamente prontos e podem ser modificados de acordo com as preferências temáticas. O aplicativo oferece a versão paga ou versão gratuita. Também há opção de impressão dos jogos para oferecer mis uma alternativa de recurso de alfabetização envolvendo toda a turma.

A proposta inicial é oferecer um material totalmente didático que conduza um suporte ao desenvolvimento, não só de habilidades da alfabetização, mas promover a consciência fonológica do aluno. O jogo foi elaborado baseado na estrutura de “pares” como em um jogo de memorização através de letras e rimas.

Segundo Magda Soares (2020), o processo de alfabetização não se trata de decodificar um código e tão pouco memorizar as letras. O processo consiste em compreender que o desenvolvimento da escrita são representações de sons e da oratória dos fonemas.

O trabalho foi desenvolvido durante cinco meses em sessões que ocorriam três vezes por

semana, entre 12h45min às 16h00min, na própria sala de aula da escola frequentada por Mario. A intervenção teve início em julho de 2010.

Ao longo do trabalho com o aluno, tive dentre outros objetivos, a sua alfabetização de forma significativa e não apenas a decodificação do seu nome ou de algumas letras. Sempre tentei buscar suas potencialidades no sentido de aproveitar a sua fala, a sua escrita, o conhecimento e o som das letras, enfim tudo que ele poderia fazer e não reforçar suas incapacidades, como a ausência da alfabetização e a não aceitação das repreensões. E para minha surpresa naquele momento ele poderia fazer quase tudo o que lhes era proposto como: a realização das atividades em sala, copiar textos, fazer os exercícios, produzir textos e construir desenhos, a partir de alguns auxílios e acompanhamentos.

### **Sequência didática e as produções do aluno incluído**

A alfabetização assume um papel crucial na construção da cidadania, cada sujeito tem a sua história, história está marcada por grandes obstáculos superados ou não no objetivo da alfabetização. Todos nós lembramos de como fomos e de que forma fomos alfabetizados. Tenho a consciência de que ler é ampliar a visão do homem para que ele venha enxergar imagens ocultas.

Para GAUDERER (1987), crianças com autismo geralmente possuem dificuldades no aprendizado das palavras, porém quando são submetidas a um programa intenso de aulas elas evoluem apresentando habilidade na linguagem, na motricidade, interação social e intelectual

A sequência de atividades didáticas foi realizada na turma de series iniciais do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro. As atividades foram realizadas com 30 alunos (juntamente com o aluno incluído).

Antes da aplicação do trabalho, foi realizada uma sequência didática dividida em três etapas:

A primeira parte da sequência foi desenvolvida com a apresentação da música infantil do poeta Vinícius de Moares. A leitura se deu de maneira individual e coletiva pelos alunos e ao mesmo tempo identificando rimas, palavras e sons na letra da música (atividade totalmente inclusiva).

A música foi utilizada como recurso de alfabetização que pôde proporcionar uma atividade coletiva e inclusiva sem distinção. FEIER (2021), afirma que a música pode ser um grande aliado no processo de letramento.

A primeira etapa foi a introdução da música com atividade sonora dando valorização às rimas e ao ritmo da música *O pato*. já na etapa II a música a ser trabalhada foi a do mesmo poeta intitulada de *A Foca*.

Figura 2: Imagem da letra da música de Vinicius de Moraes

## O Pato

(Vinicius de Moraes)

LÁ VEM O PATO  
PATA AQUI, PATA ACOLÁ  
LÁ VEM O PATO  
PARA VER O QUE É QUE HÁ  
O PATO PATETA  
PINTOU O CANECO  
SURROU A GALINHA  
BATEU NO MARRECO  
PULOU DO POLEIRO  
NO PÉ DO CAVALO  
LEVOU UM COICE  
CRIOU UM GALO  
COMEU UM PEDAÇO  
DE GENIPAPO  
FICOU ENGASGADO  
COM DOR NO PAPO  
CAIU NO POÇO  
QUEBROU A TIGELA  
TANTAS FEZ O MOÇO  
QUE FOI PRA PANELA



Fonte: Autoral

Nesta parte do trabalho a leitura foi realizada de forma coletiva por meio da oralidade onde as crianças puderam acompanhá-la com o dedinho na letra da música permitindo que os alunos fizessem associação com o som (grafema) e a grafia.

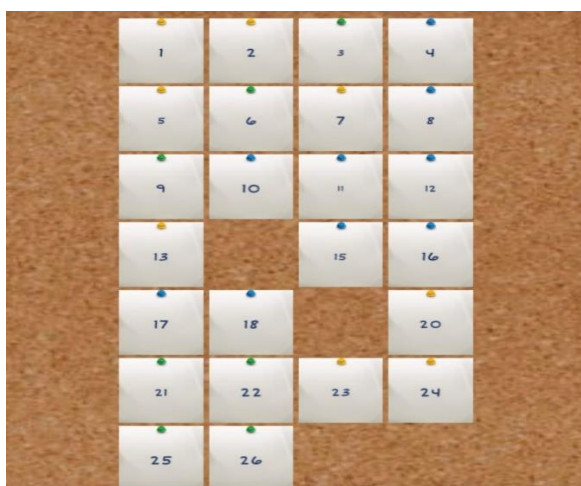
Figura 3: Imagem da música de Vinicius de Moares

<b>QUER VER A FOCA</b>
<b>UMA SARDINHA.</b>
<b>BEM NA BARRIGA.</b>
<b>FAZER UMA BRIGA?</b>
<b>É POR UMA BOLA</b>
<b>QUER VER A FOCA</b>
<b>E DAR A ELA</b>
<b>E ESPETAR ELA</b>
<b>BATER PALMINHA?</b>
<b>NÓ SEU NARIZ.</b>
<b>QUER VER A FOCA</b>
<b>FICAR FELIZ?</b>

Fonte: Autoral

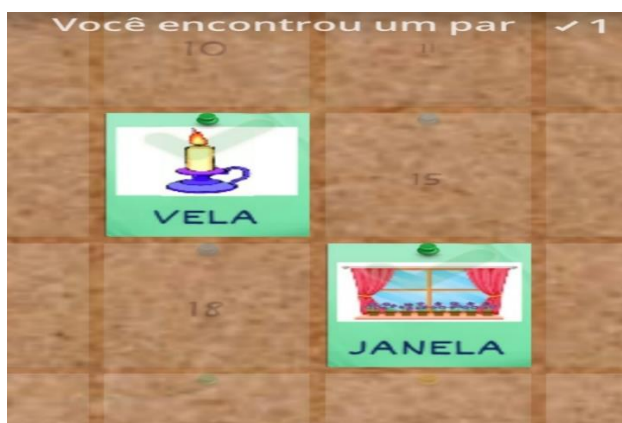
Na última parte da sequência didática, as teorias foram migradas para os jogos encontrados no wordwall, aplicativo voltado para o letramento fazendo uso de palavras e memória de maneira lúdica e divertida. Aqui o aluno pôde realizar o uso de recursos em formato digital e simultaneamente trabalhar as rimas, além de promover revisões do letramento e ao mesmo tempo reforçar os ritmos presentes na leitura. As imagens abaixo representam uma parte do jogo sendo realizada de acordo com o nível de dificuldade, a temática e o grau de conhecimento.

Figura 4: Imagem do jogo de memória (print do aplicativo Wordwall)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 5: Imagem do jogo de memória (print do aplicativo Wordwall)



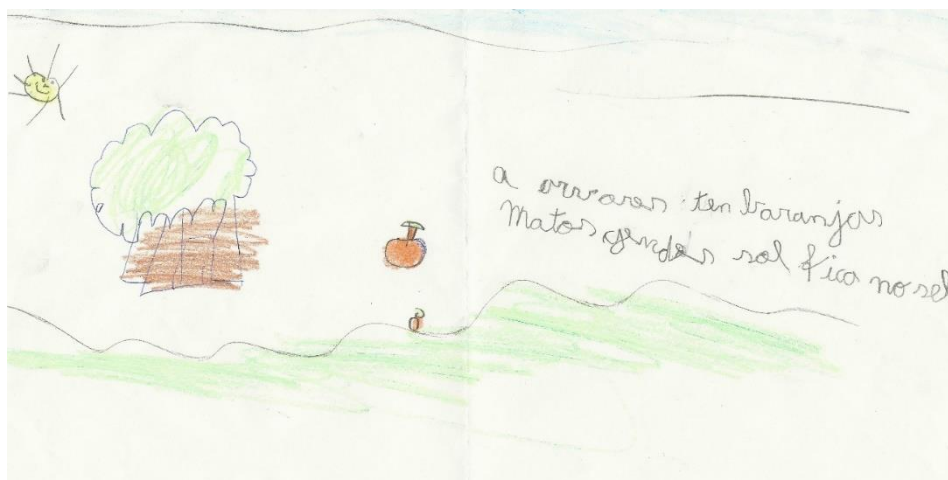
Fonte: Arquivo pessoal

### **Produções do aluno incluído**

Após as sequências de atividades mencionadas anteriormente, os resultados abaixo expressam as habilidades conquistadas pelo aluno incluído. Sendo fruto de uma trajetória de letramento cercada de ludicidade, criatividade e inclusão proveniente do Wordwall.

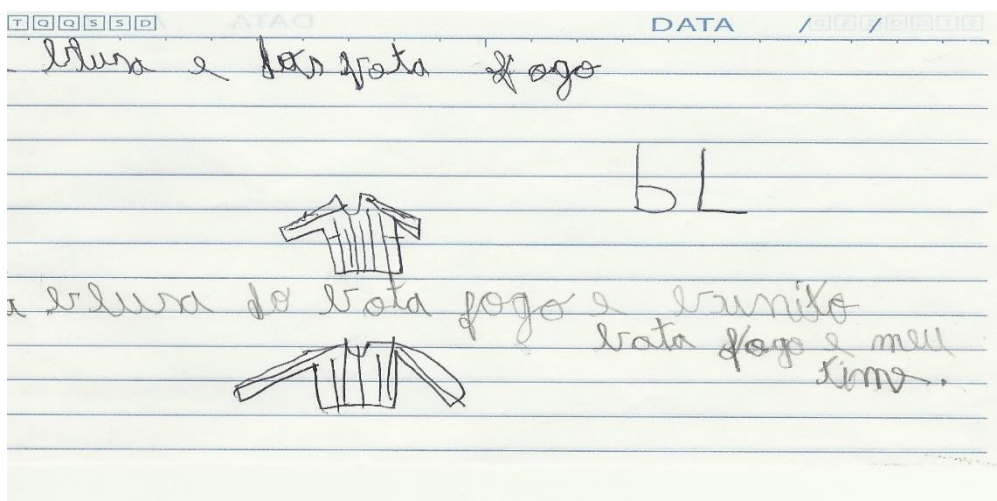


Figura 6: Produções de desenhos e escrita espontânea do aluno incluído.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 7: Produções de desenhos e escrita espontânea do aluno incluído.



Fonte: Arquivo pessoal

Para Ferreiro (1996), a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo.

Figura 8: Produções de desenhos e escrita espontânea do aluno incluído.



Fonte: Arquivo pessoal

### **Análises de dados**

- Resultados

Esse início de escrita espontânea representou uma grande superação ao seu estado de origem, já que antes ele apenas copiava sem qualquer entendimento das palavras e agora apesar de forma simples, ele já consegue elaborar palavras e textos de forma funcional, apesar de apresentarem alguns erros pertinentes ao processo de alfabetização.

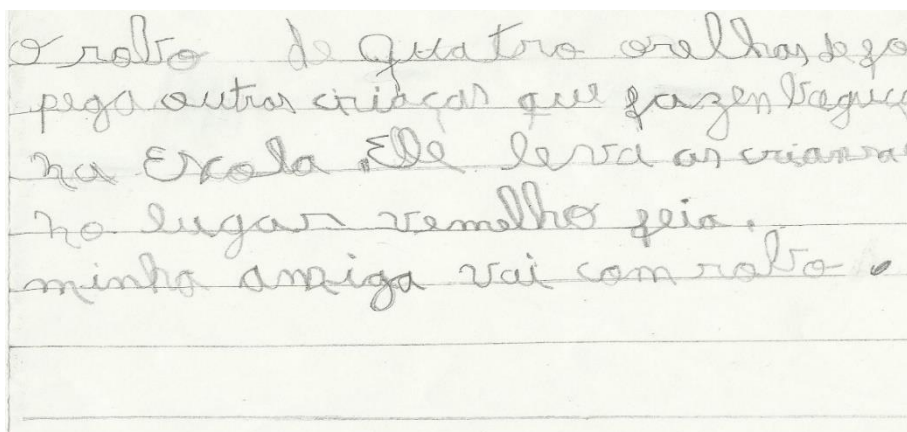
Esta experiência foi extremamente satisfatória, pois consegui desenvolver as habilidades através da ludicidade e ao mesmo tempo presenciar uma grande evolução do letramento. Ao término das intervenções o aluno incluído já estava fazendo uso encontros vocálicos, dígrafos, uso da vírgula, conectivos e entre outros elementos ortográficos além de sempre elaborar desenhos criativos.

Figura 9: Produções de desenhos e escrita espontânea do aluno incluído



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10: Produções de desenhos e escrita espontânea do aluno incluído



Fonte: Arquivo pessoal

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a minha atuação na escola foi marcada em promover desafios ao aluno e a cada nova etapa atingida por ele, seja no campo da escrita, grafia ou comportamental. Cada desenho representou um grande avanço significativo sobre seu sistema motor e cognitivo, além de apresentar textos que demonstraram coerência fundamental no processo de alfabetização de forma significativa e não mecanicista

Este artigo teve como objetivo mostrar que um trabalho fundamentado na alfabetização de um aluno com autismo, na educação inclusiva pode ser desenvolvido de maneira inclusiva e promovido de maneira lúdica. Provando que quando enxergamos no aluno portador de

necessidades especiais um sujeito capaz, é possível sim, fazê-lo aprender e se desenvolver, o que faz a diferença no aprendizado deste aluno sempre será a presença ou ausência de barreiras atitudinais em do corpo docente.

Nesta perspectiva é de suma importância oferecer as adaptações necessárias para o alcance do aprendizado de alunos com autismo, e ter a consciência de que a aprendizagem é um processo evolutivo, sendo necessário que o professor auxilie estes alunos a se emanciparem e acreditem sempre em seu potencial, elevando conseqüentemente a sua autoestima.

O aplicativo Wordwall, também utilizado para a construção inicial no processo de alfabetização, foi um instrumento primordial dentro do desenvolvimento lúdico. Pois além de permitir um apoio aos recursos pedagógicos, foi uma ferramenta aliada à alfabetização de maneira divertida e inclusiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** DSM-IV-TR. Porto Alegre: Artmed; 2002.

BENVENUTTI, D. B. Avaliação, sua história e seus paradigmas educativos. **Pedagogia: a Revista do Curso. Brasileira de Contabilidade.** São Miguel do Oeste – SC: ano 1, n.01, p.47-51, jan.2002.

\_\_\_\_\_. Brasil, ministério da educação. **política pública de educação especial na perspectiva da educação inclusiva, 2008.** disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA: Política Nacional de Alfabetização.** Brasília: MEC, SEALF, 2019b. Disponível em: Acesso em: 13 nov. 2021.

FEIER, Elisnara Samanta; GEDOZ, Sueli. **Relação entre a música, alfabetização e letramento.** 2015. 13f. XIII Jornada Científica da UNIVEL- Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo.** São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

GAUDERER, E. Christian, **Autismo – Década de 80. Uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais,** Ed. Almed, 2ª edição, 1987.

Kanner, L. (1943). **Autistic disturbances of affective contact.** *Nervous Child* 2, 217-250.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Froebel e a concepção de jogo infantil.** In: \_\_\_\_\_. (Org). **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2020.